

FH visita Clinton sem uma agenda formal

Encontro sem tema específico é o primeiro que EUA realizam com sul-americano

José Meirelles Passos

Correspondente

● WASHINGTON. Pela primeira vez, em pelo menos três décadas, um presidente do Brasil visita a capital dos Estados Unidos para encontrar-se com o seu colega americano sem que ambos tenham uma agenda formal a discutir, e, em especial, qualquer contencioso a destrinchar.

— A idéia é permitir que os dois presidentes tenham algumas horas de convivência mais íntima, informal, e conversem sobre tudo o que lhes parecer conveniente. O mais importante nesse diálogo é o clima de franca ami-

zade e mútua admiração — disse um porta-voz da Casa Branca, procurando definir o jantar de hoje em Camp David, a casa de repouso dos mandatários americanos, nas montanhas de Maryland, e onde Fernando Henrique Cardoso também vai pernoitar.

É a primeira vez que um presidente latino-americano recebe um convite desse tipo. Ele é tão raro que, no Governo Bill Clinton, foi estendido apenas ao primeiro ministro britânico, Tony Blair. Ali, a partir do fim desta tarde, Fernando Henrique terá a chance de conversar a sós com o líder americano, longe de assessores e da imprensa.

A circunstância desse encontro “social e informal”, segundo a Casa Branca, é tão fora do comum que mesmo a equipe de Fernando Henrique encarregada dos preparativos andava até em cima da hora em busca de *talking points*, expressão preferida por diplomatas e assessores para definir pontos essenciais para uma conversa de tal calibre.

— Para falar a verdade, nem mesmo o pessoal oficial está entendendo a natureza desse encontro com Clinton. Muita gente ainda não percebeu que o mérito da visita é a própria visita em si — disse o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima.

Dois funcionários americanos revelaram ter notado “um certo incômodo no lado brasileiro, claramente desabituaado a situações como essa. Primeiro, pelo fato de não haver uma agenda específica para o encontro. Enquanto Washington acenava com um evento social bastante informal, Brasília o encarava “com o formalismo e a rigidez de uma visita de chefe de estado”. Além disso, Clinton determinou que a ocasião fosse realmente íntima. E, por esse motivo, não queria a presença de ministros. Essa decisão teria despertado algumas “ceninhas de primeira explicita”, segundo os encarregados dos detalhes finais. ■